



Os papas que, de Roma, governaram a Igreja Cristã durante a Idade Média estavam muitas vezes longe de ser santos. E as pessoas aceitavam, sem hesitações quaisquer histórias a respeito deles, por mais escandalosas que fossem.

Escândalo na Cidade Eterna: de forma dramática, o papa João VIII revela ser uma mulher.

Terremotos violentos abalam o sul da Itália; fala-se de chuvas de sangue sobre a França; e, em Roma, o odor fétido dos gafanhotos que passam em nuvens sobre a Cidade Eterna e caem mortos no mar envenena de tal modo a atmosfera que faz sucumbir pessoas e animais. As multidões estão em pânico. Será Carlos Magno, coroado imperador há apenas meio século, o poderoso dirigente cujo reinado deverá preceder o fim do mundo? Terá sido Maomé o precursor do temido anticristo? Significará o irresistível avanço dos seus fanáticos seguidores para ocidente o fim da cristandade?

Corte o ano 857, e o povo de Roma exige que o papa João VIII – a quem se habituou a amar durante os dois anos de pontificado - o tranqüilize. Multidões aparecem para aclamá-lo quando ele encabeça a procissão desde a Basílica de S. Pedro até a sua residência no Palácio de Latrão, na margem oposta do rio Tibre. Mas quando o grupo papal entra numa viela estreita entre o Coliseu e a Igreja de S. Clemente, o Santo Padre tropeça e cai. Sob o olhar atônito de todos, o papa João revela-se uma mulher em trabalho de parto. E enquanto nasce a criança, a multidão devota transforma-se numa horda enraivecida: os espectadores, furiosos, agarram a desafortunada mulher e o filho recém-nascido, arrastam-nos até a morte.

É esta a história contada e repetida por toda a Europa pelo menos desde o fim do século XIII e que foi aceita durante séculos.

### Tudo em nome do amor

No princípio do século IX, por volta do ano de 818, segundo se diz, um casal de missionários ingleses na cidade de Mainz, sobre o Reno, teve uma filha, Joana. Ainda criança, ela destacava-se pela sua beleza e inteligência notável. Apaixonando-se por um frade aos 12 anos, Joana deixou a casa dos pais, vestiu-se de homem e ofereceu-se como noviço para o mosteiro, a fim de poder estar junto do amante. João Anglico, ou

### O Regimento das Mulheres no Papado



*Durante a Idade Média – particularmente no século X, em que provavelmente surgiu a lenda da papisa Joana -, as mulheres das famílias aristocráticas de Roma exerciam enorme poder sobre a corte papal. Muitos papas mantinham abertamente as suas amantes, embora quaisquer filhos ilegítimos fossem eufemisticamente tratados por sobrinhos ou sobrinhas do papa transviado. As mães conseguiam por vezes colocar os “sobrinhos” do papa no trono papal, razão por que veio a dizer-se que o papado era governado por um “regimento de mulheres”. Uma das mais notáveis destas mulheres foi Marozia, filha de um senador romano. Aos 15 anos,*

João Inglês, como ela própria se chamava, passava os dias a rezar ou a estudar na biblioteca e as noites com o seu amante. O embuste foi descoberto em pouco tempo e o casal teve de fugir – escapando ao castigo da Igreja ao juntar-se uma peregrinação através da Europa até a Terra Santa. Em Atenas, o companheiro de Joana desapareceu, mas ela seguiu para Roma. Ainda disfarçada de homem, Joana trabalhou como tabelião ou, segundo outra versão da história, como professor. Fosse qual fosse este seu primeiro emprego, Joana em breve se tornava célebre. Os estudantes admiravam a sua eloquência, os filósofos respeitavam a sua sabedoria, os cardeais registravam os seus conhecimentos teológicos e os cortesãos papais amavam-se pela sua generosidade. Quando o papa Leão IV morreu, em 855, Joana foi unanimemente eleita sua sucessora, subindo ao trono papal como João VIII. Joana/João conseguiu esconder o segredo do seu sexo de todos, menos de uma

*tornou-se amante do papa Sérgio III, a quem deu um filho. Quando Sérgio morreu, em 911, o rapazinho tinha apenas 6 anos. Mas Marozia não teve pressa: casou com o conde Alberico da Toscana e deu a luz a um segundo filho, também chamado Alberico. Em 931, viu o filho que tivera de Sérgio, embora com apenas 25 anos, subir ao trono como para João XI. Com a morte do seu marido, Marozia casou-se com o irmão deste, Hugo da provença. O papa celebrou o segundo casamento da mãe. Durante os festins que se seguiram à cerimônia, foram trocadas palavras ásperas entre o jovem Alberico e o seu padraastro. No tumulto que daí resultou, Alberico perseguiu Hugo até expulsá-lo da cidade e aprisionou Marozia e o papa João XI. Este morreu ao fim de uns anos, mas a mãe viveu até ver o filho de Alberico, seu neto, levado ao trono papal como para João XII. De certo modo, foi estabelecido um recorde de 500 anos depois pelo papa Alexandre VI, que reconheceu pelos menos quatro dos seus filhos ilegítimos e fez um deles cardeal: César Bórgia.*

peessoa, e isso  
lhe foi fatal.  
Aquele mulher  
solitária e  
apaixonada  
tomou por  
amante o seu  
criado  
particular – e  
em breve  
ficava grávida.  
Depois do  
parto em  
público e da  
imediate  
vingança da  
multidão, foi  
nomeado às  
pressas um  
novo papa,  
Bento III. Os  
historiadores  
da Igreja,  
posteriormente,  
alteraram a  
data da sua  
subida ao trono  
para 855, a fim  
de eliminarem  
quaisquer  
registros do  
pontificado de  
Joana. Quando  
um outro João  
foi eleito papa  
15 anos  
depois, em  
872, tomou o  
nome de João  
VIII, e não de  
João IX.

### Prova para cétricos



A história do papa João surgiu muito provavelmente no século X, em que reinaram nada menos que 23 papas – alguns por meses apenas. Os finais dos respectivos reinados constituem uma sombria ladainha: preso, assassinado, deposto, morto de fome, cegado. Por detrás de muitos destes pontífices ineficazes e efêmeros, estiveram mulheres das famílias nobres de Roma. Se as mulheres detinham tanto poder, questionava o povo, porque não uma mulher papisa ?

Os historiadores encontram a primeira referência à papisa Joana em Os Sete Dons do Espírito Santo , obra de Estevão de Bourbon, um dominicano francês do século XIII. A história narrada por este foi incorporada em A Crônica dos Papas e Imperadores obra muito lida de ouro dominicano do século XIII, o polonês Martin de Troppau.

Os que acreditavam na história da papisa Joana citavam entre outras provas, a estátua de uma mulher com uma criança na viela entre o Coliseu e a Igreja de S. Clemente , onde a procissão papal de 857 fora tão dramaticamente interrompida. Esta ruela, devido ao escândalo da papisa Joana, foi evitada nas procissões posteriores. Durante mais de 200 anos figurou entre os bustos dos papas na Catedral de Siena uma estátua com a inscrição: “Papa João VIII, uma mulher inglesa “, no século XVI, o papa Clemente VIII ordenou que o busto fosse renomeado como “Papa Zacarias”.

A prova talvez mais bizarra surgida em apoio da História da papisa Joana foi a Sella stercoraria, curiosa cadeira de mármore com uma abertura no assento que se encontrava na Basílica de S. João Latrão. Diz-se que, desde o final do século XI até o XVI, esta cadeira foi utilizada nas entronizações papais. Antes de assumir o cargo, cada novo papa devia sentar-se na cadeira para que, por meio de um exame médico, fosse confirmado o sexo do candidato.



### A reputação dos intelectuais

A história de uma papisa foi levada tão a sério que o Concílio de Constança, em 1415, a citou ao discutir os poderes do papa. Pio II, um intelectual que foi papa no final daquele século, tentou derrubar a lenda, embora, ao que parece, com pouco sucesso. Nos séculos XVI e XVII, os escritores protestantes serviram-se da história da papisa Joana para reforçar os seus ataques ao papado. Mas, curiosamente, foi um escritor calvinista, David Blondel, quem fez o primeiro ataque coerente a tão persistente lenda. A sua obra de 1647 tem o título quilométrico de Esclarecimento Familiar da Questão: Saber se Uma Mulher Se Sentou no Trono Papal em Roma.

Atualmente, os historiadores rejeitam a história da papisa Joana, afirmando não se tratar de um registro de acontecimento verdadeiros, mas de uma herança do papado medieval – época turbulenta em que os papas eram conhecidos por tudo, menos pela sua santidade, e nada sobre eles era demasiado mau nem demasiado estranho para ser acreditado. Quanto à cadeira de mármore, tratava-se provavelmente de uma relíquia da Roma antiga, móvel pertencente a um dos banhos públicos da cidade.